



ARTIGO



Análise linguístico-discursiva da “masculinidade tóxica” em meios digitais

Francisco Arkires Silva do Nascimento, *Instituto De Educação E Cultura De Capanema (EDUCAMINAS)*

Rafael Lima Vieira, *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)*

Resumo. Este artigo analisa, sob a perspectiva da Análise do Discurso Crítica (ADC), os processos linguístico-discursivos que sustentam a masculinidade tóxica em interações digitais. O *corpus* inclui postagens e comentários de plataformas como X (Ex-Twitter) e *TikTok*, adotando uma abordagem qualitativa fundamentada em teóricos como Fairclough (2001), Connell (2005) e Orlandi (2015). Os resultados indicam que as redes sociais operam como arenas ideológicas onde normas patriarcais são amplificadas, reforçando hierarquias de gênero. Comentários que deslegitimam a expressão de emoções ou que promovem estereótipos masculinos hegemônicos ilustram como essas práticas discursivas limitam identidades masculinas alternativas. Conclui-se que a masculinidade tóxica é sustentada por mecanismos discursivos que naturalizam desigualdades e inibem mudanças sociais. O estudo destaca a necessidade de práticas discursivas que incentivem formas mais inclusivas de masculinidade e a importância de pesquisas futuras que explorem estratégias para desconstruir narrativas hegemônicas nos ambientes digitais.

Palavras-Chave: Masculinidade Tóxica. Discurso. Gênero. Ideologia.



Introdução

Nos cenários contemporâneos de interação social, o conceito de “masculinidade tóxica¹” configura-se como um fenômeno que perpetua comportamentos prejudiciais, moldados por normas hegemônicas de gênero e sexualidade. Esse fenômeno é perpetuado por discursos que associam masculinidade à invulnerabilidade, força e desprezo por características ligadas ao feminino. As interações digitais têm amplificado essas construções, uma vez que as plataformas online se tornam espaços privilegiados para disseminar narrativas que legitimam padrões de poder e reforçam estereótipos de gênero. Nesse contexto, é essencial compreender como o discurso, enquanto prática social, contribui para a perpetuação da masculinidade tóxica e a manutenção de desigualdades estruturais.

Conforme Fairclough (2001) destaca, o discurso opera como uma prática social, desempenhando papel central na construção de relações de poder e na legitimação de ideologias. No contexto digital, essas práticas são intensificadas, dado que os discursos circulam em ambientes que favorecem a reprodução de normas sociais hegemônicas e reforçam estruturas de dominação. Os discursos veiculados nas plataformas digitais frequentemente reiteram padrões de gênero que sustentam desigualdades e preconceitos, naturalizando comportamentos e atitudes prejudiciais.

Nessa perspectiva, o problema de pesquisa que orienta este estudo pode ser assim delineado: de que forma os discursos presentes em plataformas digitais participam da construção e perpetuação de práticas associadas à masculinidade tóxica? Este questionamento ganha relevância na medida em que as interações digitais desempenham um papel central na formação de identidades e na reprodução de ideologias que afetam as relações sociais e de gênero. A justificativa para esta pesquisa reside na necessidade de aprofundar o entendimento das dinâmicas discursivas que sustentam desigualdades de gênero,

¹ Do ponto de vista linguístico, o termo “tóxico” origina-se do grego *toxikon*, que se refere a substâncias venenosas utilizadas em flechas. No português contemporâneo, o termo é comumente associado a algo nocivo, prejudicial ou capaz de causar danos, seja em contextos literais ou figurativos (Ferreira, 2021). Assim, quando empregado na expressão “masculinidade tóxica”, o termo transcende seu sentido denotativo para funcionar metaforicamente, descrevendo um conjunto de comportamentos e atitudes masculinas que, ao invés de serem saudáveis, tornam-se destrutivos tanto para o indivíduo quanto para a sociedade.

especialmente em espaços digitais, os quais têm se tornado arenas fundamentais para a interação social contemporânea. A análise de tais discursos é crucial para a construção de estratégias que promovam mudanças culturais e sociais. O principal objetivo deste trabalho é analisar os processos linguístico-discursivos que sustentam a masculinidade tóxica nas interações mediadas por plataformas digitais.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, ancorada na Análise do Discurso Crítica (ADC), conforme proposta por Fairclough (2001). O *corpus* é composto por postagens e comentários coletados de plataformas digitais como X (Ex-*Twitter*) e *TikTok*. Esses dados serão analisados para revelar como as práticas discursivas nas redes sociais contribuem para a manutenção de padrões hegemônicos de masculinidade.

Discurso, Ideologia e Prática Social

No âmbito da Análise do Discurso Crítica (doravante ADC), reconhece-se que a relação entre linguagem e sociedade é constitutiva, de forma que a linguagem molda a sociedade enquanto é transformada por ela (Fairclough, 2001). Isso significa que, ao utilizar a linguagem, os sujeitos participam de práticas sociais que constroem autorrepresentações, simbologias de outros indivíduos e definem papéis sociais para si mesmos e para seus interlocutores. Tais práticas podem, muitas vezes, basear-se em ideias pré-concebidas e estereótipos, o que torna a linguagem um dos principais instrumentos de disseminação de preconceitos, inclusão ou exclusão de pessoas.

Desse modo, pode-se afirmar que o discurso, enquanto um ponto de análise, não se limita ao texto, fala ou linguagem, embora dependa de componentes linguísticos para sua realização. Nesse sentido, o discurso transpõe os limites das estruturas da língua, existindo dentro de um reino externo que inclui dimensões sociais e aborda questões que se estendem além de meras preocupações linguísticas. De acordo com Orlandi (2015) “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (Orlandi, 2015, p.13). Consequentemente, ele representa uma manifestação infundida com elementos sociais e ideológicos que se tornam evidentes nas palavras à medida que são articuladas.



Nessa perspectiva, Fairclough (2001) define a "linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual" (Fairclough, 2001, p. 94), desse modo, a linguagem reflete as variáveis situacionais que configuram o discurso. No contexto da ADC, o discurso é compreendido como uma prática social que articula linguagem, poder e ideologia. Assim, ele desempenha um papel fundamental na validação de estruturas sociais, naturalizando hierarquias e relações de poder que orientam as práticas humanas. Sob tal perspectiva, Orlandi (2015) afirma que:

Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja como membros de uma determinada forma de sociedade (Orlandi, 2015, p. 13 e 14).

A análise discursiva demanda a interpretação dos sujeitos em seus enunciados, compreendendo a construção de sentidos como um componente essencial de suas práticas sociais. A ideologia é expressa no discurso, que se realiza por intermédio da linguagem, quer seja na configuração textual ou mediante formas não verbais, a exemplo de representações imagéticas. A análise tem como meta explorar os sentidos produzidos no discurso, analisando as condições sociais, históricas e ideológicas que fundamentam sua elaboração. Tais condições englobam os sujeitos participantes e o contexto sociocultural em que se encontram. O significado das palavras resulta das matrizes ideológicas que sustentam as posições discursivas dos interlocutores.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (Pêcheux, 1997, p. 190).

Em contextos de interação, as práticas discursivas reproduzem ou questionam as normas dominantes, evidenciando o caráter ideológico da linguagem. Como explica Foucault (1986), os discursos operam como dispositivos de poder que delimitam os modos de pensar, agir e existir

dos sujeitos, perpetuando os valores e expectativas sociais hegemônicas. Nesse contexto, o discurso se apresenta como um espaço onde coexistem diferenças sociais e ideológicas, expondo os conflitos e tensões derivados das disputas entre grupos e indivíduos em posições divergentes no tecido social. Essas disputas são marcadas pela inscrição ideológica dos sujeitos, que, ao ocuparem diferentes posições, produzem discursos alinhados às suas realidades sócio-ideológicas.

Assim, a relação entre discurso, ideologia e história é inseparável. O discurso carrega as marcas da história e atua como agente no processo de moldar e ser moldado pelas ideologias que estruturam as relações sociais e os eventos históricos. Como destaca Fairclough (2001), as representações discursivas do mundo são ideológicas, refletindo os interesses de grupos dominantes. Essas representações influenciam como os sujeitos percebem a realidade e constroem sua própria identidade.

A ideologia como elemento estruturante das relações sociais

No contexto da análise discursiva, a ideologia ocupa um papel central na compreensão das interações mediadas por linguagem. Assim como mencionado anteriormente, o discurso carrega em sua estrutura a inscrição ideológica de sujeitos que, ao enunciar, revelam suas posições dentro de dinâmicas de poder e desigualdade social. Althusser (1974) define ideologia como um conjunto de representações que, embora aparente naturalidade, são construções sociais destinadas a manter as relações de poder. Por meio dela, valores e normas hegemônicas são internalizados pelos sujeitos, consolidando sistemas de dominação que muitas vezes passam despercebidos.

Porém, Sob a perspectiva apresentada por Larrain (1979), o conceito de ideologia pode ser compreendido tanto em uma acepção crítica quanto em uma abordagem mais neutra e descritiva. Em seu sentido crítico, a ideologia é percebida como um mecanismo que distorce a compreensão dos sujeitos sobre a realidade social, o que contribui para a manutenção de estruturas de poder e desigualdade. Essa interpretação reforça o caráter manipulador da ideologia, na medida em que encobre as verdadeiras condições sociais, promovendo uma visão fragmentada e ilusória da realidade.



No entanto, a autora também propõe uma concepção positiva de ideologia, considerando-a como a expressão de uma visão de mundo articulada a partir de interesses de classe. Sob esse viés, as ideologias não são compreendidas como únicas ou universais, mas como múltiplas e diversas, refletindo opiniões, teorias e atitudes que se consolidam em determinados grupos sociais com o intuito de legitimar suas posições e assegurar a preservação de seus interesses. Segundo Larrain (1979):

As conotações críticas e negativas do conceito de ideologia são sempre usadas para um tipo específico de erro que está vinculado, de uma ou de outra forma, com a ocultação ou a distorção de uma realidade contraditória e invertida. Nesse sentido é tanto um conceito restrito como histórico; restrito porque não abrange todos os tipos de erro e porque nem todas as ideias dominantes são afetadas por ele; histórico, porque depende da evolução das contradições (1979, p. 42).

Purvis e Hunt (1993) aprofundam a distinção estabelecida por Larrain (1979) entre os significados negativo e positivo da ideologia, destacando que a compreensão de que todo pensamento é moldado socialmente, embora correta, é insuficiente. Para esses autores, é imprescindível reconhecer que a ideologia possui uma orientação específica, atuando sempre em favor de determinados grupos sociais em detrimento de outros. Essa abordagem ressalta que a ideologia, ao apresentar certas relações sociais como naturais e inquestionáveis, oculta os interesses particulares das classes que detêm o poder.

No ambiente digital, a atuação da ideologia torna-se ainda mais evidente, dado que as plataformas não são espaços neutros, mas arenas onde interesses sociais, econômicos e políticos se entrecruzam. Conforme Zizek (1994), a ideologia não se limita ao plano das ideias, mas está internamente ligada às práticas cotidianas. Nas redes sociais, por exemplo, a curadoria algorítmica direciona conteúdos que reforçam crenças preexistentes, criando bolhas ideológicas que dificultam o diálogo entre perspectivas distintas. Essa dinâmica contribui para a polarização e a naturalização de preconceitos, incluindo aqueles associados às normas de gênero e masculinidade.

Nesse sentido, a análise de Gramsci (1971) sobre a naturalização ideológica é particularmente relevante, ao destacar que valores de grupos

dominantes são disseminados como universais e, conseqüentemente, aceitos sem questionamento. Nas interações digitais memes, comentários e postagens aparentemente inofensivos desempenham papéis relevantes na perpetuação dessas estruturas ideológicas, demonstrando como as redes sociais se tornam espaços privilegiados para a reprodução de ideologias hegemônicas.

Análise discursiva da masculinidade tóxica: performances e representações digitais

A identidade masculina desempenha um papel fundamental na definição do que significa ser homem; a masculinidade não é simplesmente a interpretação cultural de uma realidade biológica, mas um processo social em constante desenvolvimento (Welzer-Lang, 2001). Trata-se de uma concepção ampla, mas não universal, uma vez que ela varia conforme a sociedade em que se encontra. Assim, é possível encontrar diferentes formas de masculinidade coexistindo dentro de uma mesma cultura, com distintos entendimentos sobre o que constitui a masculinidade. No entanto, essa construção social segue uma estrutura hierárquica, na qual se estabelecem masculinidades predominantes e outras subordinadas.

Desse modo, a masculinidade pode ser compreendida como o conjunto de traços, atitudes e papéis culturalmente atribuídos aos meninos e homens, variando conforme o período histórico e a sociedade em questão. Esse conceito define uma identidade construída com base na percepção de pertencimento ao sexo masculino, em oposição ao feminino. Além disso, está ligada a comportamentos padronizados pela sociedade, que muitas vezes promovem benefícios em diferentes dimensões da vida, influenciando práticas, valores e relações no âmbito familiar e social.

A repercussão cultural dessa organização hierárquica seria a imposição de um ideal normativo e predominante de ser "homem", sendo esta forma reconhecida, como já supracitado, uma masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2005) ou uma ideologia tradicional da masculinidade (Levant, 1996). Trata-se de um modelo patriarcal de masculinidade, que se constroi por meio de dois âmbitos interconectados de relações de poder: nas interações entre homens e



mulheres, marcadas pelas disparidades de gênero, e nas interações entre homens, imersas em desigualdades de raça, etnia, sexualidade, entre outras dimensões. De acordo com Wang, Jablonski e Magalhães (2006) as características do homem ideal seriam:

Forte, confiante, ativo, destemido, determinado, realizador, independente, objetivo, pragmático, racional, emocionalmente equilibrado, profissionalmente competente, financeiramente bem-sucedido e sexualmente impositivo são algumas das descrições pertinentes ao modelo ideal de masculinidade.

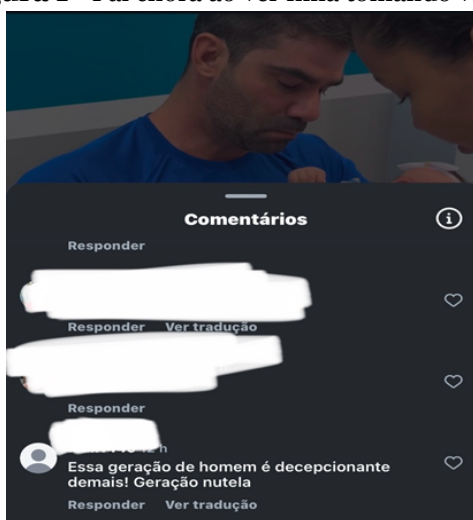
A influência desses estereótipos se inicia ainda na socialização do menino, sendo transmitida de geração em geração através das relações familiares, especialmente com os pais. À medida que o menino cresce e se insere em diferentes contextos sociais, novas representações podem ser agregadas ao modelo de masculinidade, enquanto outras são reforçadas ou descartadas, ajustando-se às mudanças culturais e sociais. A masculinidade, portanto, é um conceito que não se limita a uma única forma de ser, mas é algo construído ao longo do tempo, a partir de influências externas e internas. Assim como em qualquer construção social, ela varia conforme o contexto histórico e cultural, sendo um conjunto de atributos, atitudes e costumes culturalmente atribuídos aos meninos e homens.

Esse modelo de masculinidade, por sua vez, está diretamente ligado a comportamentos que, muitas vezes, são considerados essenciais para que um homem seja visto como tal, como a expectativa de não demonstrar fragilidade, emoções ou comportamentos tidos como femininos. Essas normas acabam por definir e limitar as identidades masculinas, impondo um modelo hegemônico e dificultando a expressão de formas alternativas de ser homem. Esse processo de imposição do ideal masculino, como a ideia de que o homem deve ser emocionalmente equilibrado, racional e bem-sucedido, torna-se ainda mais evidente quando observamos que, na maioria das vezes, comportamentos como a demonstração de vulnerabilidade ou sensibilidade são desvalorizados ou até estigmatizados.

Essa construção ideológica do masculino é ilustrada pela figura a seguir (figura 1), retirada de comentário feito em um vídeo publicado no

perfil do TikTok do site de notícias R7.com. No vídeo, um pai leva sua filha, ainda bebê, para tomar uma injeção e, ao vê-la chorar, não contém sua emoção e vai às lágrimas. Embora alguns comentários tenham elogiado o gesto, valorizando o lado mais sensível e "humano" do pai, outros indivíduos criticaram sua atitude, classificando-o como "fraco" — um adjetivo que contrasta com o ideal de masculinidade hegemônica. Esse episódio evidencia como o discurso social perpetua uma visão limitada e opressora da masculinidade, ao mesmo tempo em que reprime expressões alternativas que desafiam os padrões tradicionais de gênero.

Figura 1 - Pai chora ao ver filha tomando vacina



Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMk5PEAUF/>

Sob a perspectiva crítica de Larraín (1979), tal discurso pode ser compreendido como parte de uma ideologia que distorce a percepção dos sujeitos sobre o que significa ser homem em sociedade. Ao considerar que a ideologia, em seu caráter manipulador, atua mascarando as verdadeiras relações de poder, é possível observar que a crítica ao pai que chora reflete um mecanismo que reforça a manutenção de padrões masculinos tradicionais. Essa visão fragmentada e ilusória da masculinidade oculta os processos de opressão que determinam quais comportamentos são aceitos e quais são reprimidos, garantindo a continuidade de um modelo que beneficia certos grupos e marginaliza aqueles que desafiam tais normas.

Larraín (1979) argumenta que a ideologia, ao apresentar uma realidade distorcida, induz os sujeitos a internalizarem concepções que



servem para preservar as estruturas sociais existentes. No caso apresentado, a crítica à expressão de emoções pelo homem está inserida em um discurso ideológico que naturaliza a suposta superioridade de uma masculinidade rígida, controlada e avessa à vulnerabilidade. Esse processo esconde as verdadeiras condições sociais que impõem uma série de restrições comportamentais aos homens, ao mesmo tempo em que reforça desigualdades de gênero ao desqualificar formas alternativas de masculinidade.

No comentário exposto na Figura 1, o sujeito A² afirma: "Essa geração de homem é decepcionante demais! Geração Nutella." A escolha do termo "Nutella", discursivamente utilizado na linguagem popular brasileira e potencializado nas interações digitais, carrega um significado pejorativo que remete a uma divisão simbólica entre modelos de masculinidade. De um lado, está o "homem raiz", associado a valores tradicionais como força, resistência emocional e rigidez moral; de outro, está o "homem Nutella", relacionado a comportamentos sensíveis, empáticos e considerados desviantes em relação ao padrão hegemônico.

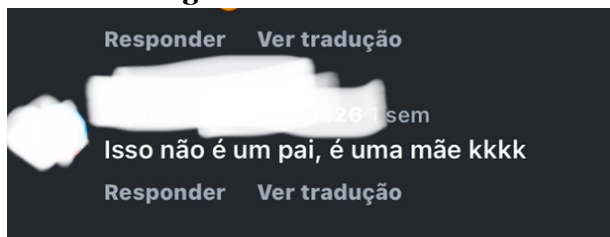
No caso analisado, (figura 1), o choro do pai é tomado como uma ruptura com as expectativas culturais de que os homens devem manter controle emocional em situações públicas. Ao expressar vulnerabilidade, o sujeito é classificado como fraco e desviado do padrão tradicional de masculinidade. Esse julgamento não é neutro ou desinteressado, mas carrega uma função ideológica que busca ocultar as transformações sociais em curso, reafirmando um modelo de comportamento que privilegia determinadas características em detrimento de outras.

Esse discurso, portanto, ilustra a perpetuação de normas que rejeitam qualquer forma de masculinidade que se afaste da figura tradicional do homem forte, invulnerável e insensível. Como destaca Eagleton (1991), as ideologias atuam impondo ideias e naturalizando práticas sociais, apresentando-as como universais e imutáveis. Nesse sentido, a crítica à "Geração Nutella" serve como mecanismo ideológico que busca reforçar a masculinidade tradicional, ocultando as transformações sociais em curso e marginalizando alternativas que

² Todas as figuras apresentadas neste artigo terão a identificação dos sujeitos ocultada, em conformidade com os princípios éticos de anonimato estabelecidos para proteger a privacidade dos participantes. É fundamental destacar que o foco central deste estudo reside nos aspectos linguísticos e discursivos presentes nas figuras. Dessa forma, para garantir a confidencialidade e anonimato dos participantes, os indivíduos nas imagens serão referidos como Sujeitos A, B, C, etc.

visem humanizar a experiência masculina por meio da aceitação de emoções e vulnerabilidades.

Figura 2 - Isso é uma mãe



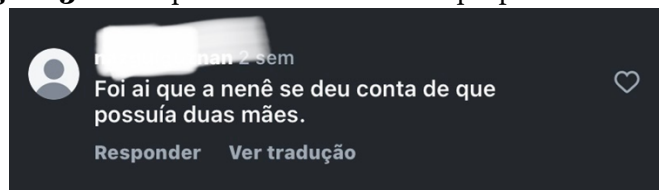
Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMk5PEAUF/>

Ainda no mesmo vídeo, outro indivíduo, identificado como "sujeito B", comenta (figura 2): "Isso não é um pai, é uma mãe kkkk". Esse comentário reflete uma visão sexista enraizada em valores patriarcais, nos quais o feminino é associado à vulnerabilidade e à expressão emocional, enquanto o masculino é identificado com rigidez e autocontrole. Ao deslegitimar a demonstração de sentimentos por parte de um homem no contexto familiar, o discurso do sujeito B reproduz uma lógica binária que opõe masculinidade e feminilidade, atribuindo às mulheres o monopólio das emoções e relegando os homens ao papel de figuras invulneráveis e impenetráveis. A risada contida no comentário – simbolizada pela sequência "kkk" – reforça o tom de desprezo e zombaria, sinalizando que a quebra dessas expectativas rígidas de gênero é vista como motivo de chacota e desqualificação.

Discursivamente, o sujeito B reforça a ideia de que expressar sentimentos, especialmente em público, compromete a identidade masculina, pois a aproxima de características culturalmente atribuídas às mulheres. Essa percepção deriva de uma construção histórica na qual o feminino foi tradicionalmente relegado ao âmbito privado e associado ao cuidado, à fragilidade e à emoção, enquanto o masculino se apropriou do espaço público, identificado com força, liderança e racionalidade. Nesse sentido, como aponta Silva (2006), a identidade masculina é construída a partir da rejeição de tudo aquilo que é associado ao feminino ou a qualquer traço que remeta à homossexualidade, estabelecendo fronteiras resistentes entre os papéis sociais de homens e mulheres. Conforme Silva (2006), os homens são historicamente socializados para desempenhar papéis que enfatizam a força, a coragem, a racionalidade e a competitividade, enquanto às mulheres são atribuídas características como docilidade, afetividade e submissão.



Figura 3 - foi aí que a nenê se deu conta que possuía duas mães

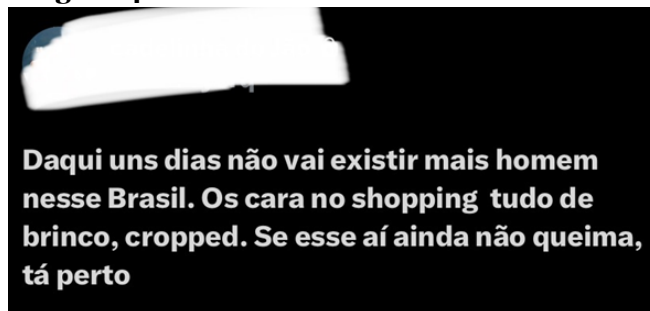


Fonte: <https://vm.tiktok.com/ZMk5PEAUF/>

Na sequência da interação analisada, conforme exposto na Figura 3, o sujeito C complementa o comentário do sujeito B, afirmando: “Foi aí que a nenê se deu conta de que possuía duas mães!” — ilustra um processo discursivo que desqualifica o papel paterno por meio da associação com o feminino e reitera uma lógica binária que define a masculinidade em oposição direta à feminilidade. Tal discurso parte da premissa de que as expressões de cuidado, empatia e vulnerabilidade emocional são atributos inerentes ao “ser mulher” e, portanto, incompatíveis com o que se espera de um homem. Esse tipo de construção discursiva, por meio do uso do humor irônico e do deboche, torna-se uma ferramenta de reforço das fronteiras simbólicas que sustentam os papéis sociais de gênero, preservando uma hierarquia cultural que subordina o feminino ao masculino.

Segundo Orlandi (2015), o discurso é um espaço em que a ideologia se materializa, influenciando a maneira como os sujeitos percebem o mundo e suas posições dentro dele. No caso em análise, a rejeição à expressão de emoções por parte de homens ocorre de forma intencional e é resultado de processos históricos e culturais que, por meio da linguagem, instituíram padrões normativos de comportamento. Orlandi (2015) salienta que o discurso não é apenas uma prática de comunicação, mas também um mecanismo de controle social, que estabelece os limites do que pode ser dito e, conseqüentemente, do que é considerado legítimo ou ilegítimo em determinado contexto.

Figura 4- Não vai existir mais Homem nesse Brasil



Fonte: X- Ex *Twitter*

A ideologia da masculinidade tóxica manifesta-se como um dispositivo de controle que regula as expressões masculinas e delimita os limites do que pode ser aceito como comportamento legítimo de um “homem de verdade”. O comentário presente na figura 4 — “Daqui uns dias não vai existir mais homem nesse Brasil. Os cara no shopping tudo de brinco, cropped. Se esse aí ainda não queima, tá perto” — evidencia um discurso de resistência às mudanças culturais que desafiam as normas tradicionais de gênero. Ao mesmo tempo, denota o funcionamento de um sistema simbólico que busca reafirmar uma forma mais honrada de ser homem.

Para Connell (1995), a masculinidade hegemônica não se sustenta isoladamente; ela depende da marginalização de outras formas de masculinidade, classificadas como subordinadas ou estigmatizadas. Nesse sentido, a zombaria dirigida a homens que utilizam brincos ou cropped, como expressa no comentário analisado, serve como uma ferramenta de reforço da norma masculina, ao mesmo tempo em que desqualifica alternativas que não se alinham à expectativa hegemônica.

Outro ponto relevante levantado por Connell (1995) é a ideia de que a masculinidade dominante não opera exclusivamente na relação de superioridade em relação às mulheres, mas também na hierarquização interna entre os próprios homens. Nesse contexto, o sujeito que faz o comentário no Twitter atua como um agente discursivo que reafirma sua posição no topo dessa hierarquia imaginada, utilizando mecanismos de exclusão simbólica. O uso da expressão “não vai existir mais homem nesse Brasil” sugere um temor de extinção da masculinidade tradicional, que ele associa à força, à virilidade e à heterossexualidade compulsória. Trata-se de um esforço de defesa diante daquilo que Connell descreve como “crise de masculinidade”, que surge quando os pilares tradicionais



que sustentam a masculinidade são desafiados por novas configurações culturais.

Ademais, a análise da linguagem utilizada no comentário evidencia uma tentativa de ridicularizar e patologizar expressões que desestabilizam a masculinidade normativa. O verbo “queimar” é utilizado de forma pejorativa para sugerir a homossexualidade, uma das formas de masculinidade subordinada identificadas por Connell (1995). Essa escolha não é aleatória, ela reforça a heteronormatividade como requisito essencial da masculinidade legítima e marginaliza aqueles que não cumprem este critério. Nesse cenário, a adoção de elementos estéticos historicamente associados ao feminino — como brincos e cropped — é vista como uma ameaça à fronteira entre os gêneros. Para o comentarista, tais escolhas representam uma ruptura com os códigos visuais que sustentam a distinção entre masculinidade e feminilidade, e por isso são alvo de rejeição.

A masculinidade tóxica, nesse contexto, opera como um regime simbólico que reprime a pluralidade de expressões masculinas, ao mesmo tempo em que perpetua as desigualdades de gênero e a hierarquização entre os próprios homens. O desafio de desconstruir esse sistema exige não apenas a crítica a manifestações individuais como essa, mas também uma reflexão coletiva sobre as bases culturais e sociais que sustentam tais discursos.

Conclusão

A análise das práticas discursivas relacionadas à masculinidade tóxica nas plataformas digitais revelou como essas interações reforçam normas hegemônicas de gênero e contribuem para a naturalização de estereótipos prejudiciais. Por meio de discursos que exaltam características como força, invulnerabilidade e rejeição ao feminino, essas plataformas tornam-se arenas de reprodução e legitimação de desigualdades estruturais, impactando a construção das identidades masculinas e das relações sociais.

As imagens analisadas demonstraram que as redes sociais operam como espaços de amplificação ideológica, onde valores patriarcais são frequentemente apresentados como universais e inquestionáveis. Diante disso, este estudo reforça a necessidade de abordagens críticas que

desvelam os mecanismos ideológicos por trás desses discursos. A partir da análise realizada, é possível concluir que os meios digitais, embora frequentemente percebidos como espaços democráticos, ainda estão profundamente enraizados em estruturas de poder que favorecem a manutenção de padrões tradicionais de masculinidade.

Como limitação, este estudo focou-se em um recorte específico de interações e discursos em plataformas digitais, o que aponta para a necessidade de pesquisas futuras que explorem outras dimensões, como a relação entre masculinidade tóxica e diferentes contextos socioculturais, ou mesmo o impacto de iniciativas que desafiem essas normativas. Portanto, espera-se que este trabalho contribua para o debate acadêmico e inspire novas investigações sobre os desafios e as possibilidades de transformação nas representações de gênero nos espaços digitais.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>. Acesso em: 10 jan. 2025.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Olga Baghino. São Paulo: Boitempo, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 1. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

LARRAIN, Jorge. *Marxism and Ideology*. London: Macmillan, 1983.
LARRAIN, Jorge. *The Concept of Ideology*. London: Hutchinson, 1979.



LEVANT, R. F., Good, G. E., Cook, S. W., O’Neil, J. M., Smalley, K. B., Owen, K., & Richmond, K. (2006). The normative Male Alexithymia Scale: Measurement of a gender-linked syndrome. *Psychology of Men & Masculinity*, 7(4), 212–224.

<https://doi.org/10.1037/1524-9220.7.4.212>

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

PÊCHEUX, Michel. Discurso e Memória: Movimentos na Bruma da História. In: *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências*. Marília: UNESP, 1997.

PURVIS, Trevor; HUNT, Alan. Discourse, ideology, discourse, ideology, discourse, ideology... *The British Journal of Sociology*, v. 44, n. 3, p. 473-499, Sept. 1993.

WANG, Mey Ling; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa Seixas. Identidades masculinas: limites e possibilidades. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 54-65, 2006. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/243/252>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Welzer-Lang D, (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas* 2001; 2:460-82. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>

ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

Linguistic-discursive analysis of “toxic masculinity” in digital media

Abstract. This article analyzes, from the perspective of Critical Discourse Analysis (CDA), the linguistic-discursive processes that sustain toxic masculinity in digital interactions. The corpus comprises posts and comments from platforms such as X (formerly Twitter) and TikTok, adopting a qualitative approach based on theorists such as Fairclough (2001), Connell (2005), and Orlandi (2015). The findings reveal that social networks function as ideological arenas where patriarchal norms are amplified, reinforcing gender hierarchies. Comments that delegitimize emotional expression or promote hegemonic masculine stereotypes illustrate how these discursive practices restrict alternative male identities. The study concludes that toxic masculinity is upheld by discursive mechanisms that naturalize inequalities and inhibit social change. It emphasizes the need for discursive practices that encourage more inclusive forms of masculinity and highlights the importance of future research exploring strategies to deconstruct hegemonic narratives in digital environments.

Keywords: Toxic Masculinity. Discourse. Gender. Ideology.

Francisco ARKIRES SILVA DO NASCIMENTO,

Licenciado em Letras (Português/Inglês) pelo IFCE – Campus Tianguá.

Pós-graduando em Linguística Aplicada, Educação 4.0, Docência no Ensino Superior e PNL. Pesquisador nas áreas de Linguística Aplicada,

Estudos de Gênero e Afro-Brasileiros. Desenvolve pesquisas independentes sobre discurso, negritude e questões raciais. E-mail:

arkiressilva52@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-6252-1911>

Rafael LIMA VIEIRA,

Professor do IFCE. Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste. Atualmente desenvolve estudos Teorias de Gênero e Sexualidade



*(Sexualidade, Gênero, Feminismos, Sexismo, Violências de Gênero,
LGBTfobia, Direitos Humanos).*

<https://orcid.org/0000-0002-8680-9104>

Recebido em: 17/01/2025

Aprovado em: 30/07/2025